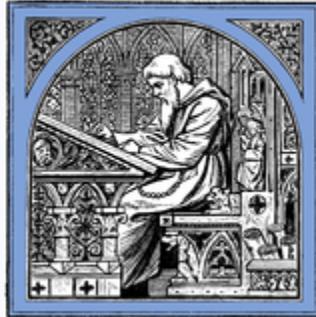


# A Derradeira Injúria

Machado de Assis



Conteúdo exportado da wiki Wikisource em 23 de julho de 2021

E ainda, ninfas minhas, não bastava...

CAMÕES, Lusíadas, VII, 81.

## I

Vês um féretro posto em solitária igreja?  
Esse pó que descansa, e se esconde, e se some,  
Traz de um grande ministro o formidável nome,  
Que em vivas letras de ouro e lágrimas flameja.

Lá fora uma invasão esquálida braceja,  
Como um mar de miséria e luto, que tem fome,  
E novas praias busca e novas praias come,  
Enquanto a multidão, recuando, peleja.

O gaulês que persegue, o bretão que defende,  
Duas mãos de um destino implacável e oculto,  
Vão sangrando a nação exausta que se rende;

Dentre os mortos da história um só único vulto  
Não ressurgem; um Pacheco, um Castro não atende;  
E a cobiça recolhe os despojos do insulto.

## II

Ora, na solitária igreja em que se há posto  
O féretro, se alguém pudesse ouvir, ouvira  
Uma voz cavernosa e repassada de ira,  
De tristeza e desgosto.

Era uma voz sem rosto,  
Um eco sem rumor, uma nota sem lira.  
Como que o suspirar do cadáver disposto  
A rejeitar o leito eterno em que dormira.

E ninguém, salvo tu, ó pálido, ó suave  
Cristo, ninguém, exceto uns três ou quatro santos,  
Envolvidos e sós, nos seus sombrios mantos,

Ninguém ouvia em toda aquela escura nave  
Dessa voz tão severa, e tão triste, e tão grave,  
Murmurados a medo, as cóleras e os prantos.

### III

E dizia essa voz: — “Eis, Lusitânia, a espada  
Que reluz, como o sol, e como o raio, lança  
Sobre a atônita Europa a morte ensangüentada.

“Venceu tudo; ei-la aí que te fere e te alcança,  
Que te rasga e te põe na cabeça prostrada  
O terrível sinal das legiões de França.

“E, como se o furor, e, como se a ruína  
Não bastassem a dar-te a pena grande e inteira,  
Vem juntar-se outra dor à tua dor primeira,  
E o que a espada começa a tristeza termina.

“És o campo funesto e rude em que se afina  
Pugna estranha; não tens a glória derradeira,  
De devolver farpada e vencida a bandeira,  
E ser Xerxes embora, ao pé de Salamina.

#### IV

“No entanto, ao longe, ao longe uma comprida história  
De batalhas e descobertas,  
Um entrar de contínuo as portas da memória  
Escancaradamente abertas,

“Enchia esta nação, que aprendera a vitória  
Naquela crespa idade antiga,  
Quando, em vez do repouso, era a lei da fadiga,  
E a glória coroava a glória.

“E assim foi, palmo a palmo, e reduto a reduto,  
Que um punhado de heróis, que um embrião de povo  
Levantara este reino novo;

“E livre, independente, esse áspero produto  
Da imensa forja pôde, achegando-se às plagas,  
Fitar ao longe as longas vagas.

## V

“Era escasso o torrão; por compensar-lhe a minguia,  
Assim foi que dobraste aquele oculto cabo,  
Não sabido de Plínio, ignorado de Estrabo,  
E que Homero cantou em uma nova língua.

“Assim foi que pudeste haver África adusta,  
Ásia, e esse futuro e desmedido império,  
Que no fecundo chão do recente hemisfério  
A semente brotou da tua raça augusta.

“Eis, Lusitânia, a obra. Os séculos que a viram  
Emergir, com o sol dos mares, e a poliram,  
Transmitem-lhe a memória aos séculos futuros.

“Hoje a terra de heróis sofre a planta inimiga...  
Quem pudera mandar aqueles peitos duros!  
Quem soubera empregar aquela força antiga!”

## VI

E depois de um silêncio: — “Um dia, um dia, um dia  
Houve em que nesta nobre e antiga monarquia,  
Um homem, — paz lhe seja e a quantos lhe consomem  
A sagrada memória, — houve um dia em que um homem

“Posto ao lado do rei e ao lado do perigo  
Viu abater o chão; viu as pedras candentes  
Ruírem; viu o mal das cousas e das gentes,  
E um povo inteiro nu de pão, de luz e abrigo.

“Esse homem, ao fitar uma cidade em ossos,  
Terror, dissolução, crime, fome, penúria,  
Não se deixou cair coos últimos destroços.

“Opôs a força à força, opôs a pena à injúria,  
Restituiu ao povo a perdida hombridade,  
E donde era uma ruína ergueu uma cidade.

## VII

“Esse homem eras tu, ó alma que repousas  
Da cobiça, da glória e da ambição do mando,  
Eras tu, que um destino, e propício, e nefando,  
Ao fastígio elevou dos homens e das cousas.

“Eras tu que da sede ingrata de ministro  
Fizeste um sólio ao pé do sólio; tu, sinistro  
Ao passado, tu novo obreiro, áspero e duro,  
Que traçavas no chão a planta do futuro.

“Tu querias fazer da história uma só massa  
Nas tuas fortes mãos, tenazes como a vida,  
A massa obediente e nua.

“A luminosa efígie tua  
Quiseste dar-lhe, como à brônzea estátua erguida,  
Que o século corteja, inda assustado, e passa.

## VIII

“Contra aquele edifício velho  
Da nobreza, — elevado ao lado do edifício  
Da monarquia e do evangelho, —  
Tu puseste a reforma e puseste o suplício.

“Querias destruir o vício  
Que a teus olhos roía essa fábrica enorme,  
E começaste o duro ofício  
Contra o que era caduco, e contra o que era informe.

“Não te fez recuar nesse áspero duelo  
Nem dos anos a flor, nem dos anos o gelo,

Nem dos olhos das mães as lágrimas sagradas.

“Nada; nem o negror austero da batina,  
Nem as débeis feições da graça feminina  
Pela veneração e pelo amor choradas.

## IX

“Ah! se por um prodígio especial da sorte,  
Pudesses emergir das entranhas da morte,  
Cheio daquela antiga e fera gravidade,  
Com que salvaste uma cidade;

“Quem sabe? Não houvera em tão longa campanha  
Ensangüentado o chão do luso a planta estranha,  
Nem correra a nação tal dor e tais perigos  
Às mãos de amigos e inimigos.

“Tu serias o mesmo aspérrimo e impassível  
Que viu, sem desmaiar, o conflito terrível  
Da natureza escura e da escura alma humana;

“Que levantando ao céu a fronte soberana,  
— “Eis o homem!” disseste, — e a garra do destino  
Indelével te pôs o seu sinal divino”.

## X

E, soltado esse lamento  
Ao pé do grande moimento,  
Calou-se a voz, dolorida  
De indignação.

Nenhum outro som de vida  
Naquela igreja escondida...  
Era uma pausa, um momento  
De solidão.

E continuavam fora  
A morte, dona e senhora  
Da multidão;

E devastava a batalha,  
Como o temporal que espalha  
Folhas ao chão.

## XI

E essa voz era a tua, ó triste e solitário  
Espírito! eras tu, forte outrora e vibrante,  
Que pousavas agora, — apenas cintilante, —  
Sobre o féretro, como a luz de um lampadário.

Era tua essa voz do asilo mortuário,  
Essa voz que esquecia o ódio triunfante  
Contra o que havia feito a tua mão possante,  
E a inveja que te deu o pontual salário.

E contigo falava uma nação inteira,  
E gemia com ela a história, não a história  
Que bajula ou destrói, que morde ou santifica.

Não; mas a história pura, austera, verdadeira,  
Que de uma vida errada a parte que lhe fica  
De glória, não esconde às ovações da glória.

## **XII**

E, tendo emudecido essa garganta morta,  
O silêncio voltara àquela nave escura,  
Quando subitamente abre-se a velha porta,  
E penetra na igreja uma estranha figura.

Depois outra, e mais outra, e mais três, e mais quatro.  
E todas, estendendo os braços, vão abrindo  
As trevas, costeando os muros, e seguindo  
Como a conspiração nas tábuas de um teatro.

E param juntamente em derredor do leito  
Último em que descansa esse único despojo

De uma vida, que foi uma longa batalha.

E enquanto um fere a luz que as tenebras espalha,  
Outro, com gesto firme e firmíssimo arrojo,  
Toma nas cruas mãos aquele rei desfeito.

### **XIII**

Então... O homem que viu arrancarem-lhe aos braços  
Poder, glória, ambição, tudo o que amado havia;  
Esse que foi o sol de um século, que um dia,  
Um só dia bastou para fazer pedaços;

Que, se aos ombros atara uma púrpura nova,  
Viú, farrapo a farrapo, arrancarem-lha aos ombros;  
Que padecera em vida os últimos assombros,  
Tinha ainda na morte uma última prova.

Era a brutal rapina, anônima, noturna,  
Era a mão casual, que espedaçava a urna  
A troco de um galão, a troco de uma espada;

Que, depois de tomar-lhe esses sinais funestos  
Da sombra de um poder, pegou dos tristes restos,  
Ossos só, e espalhou pela nave sagrada.

## XIV

Assim pois, nada falta à glória deste mundo,  
Nem a perseguição repleta de ódio e sanha,  
Nem a fértil inveja, a lívida campanha,  
De tudo o que radia e tudo que é profundo.

Nada falta ao poder, quando o poder acaba;  
Nada; nem a calúnia, o escárnio, a injúria, a intriga,  
E, por triste coroa à merencória liga,  
A ingratidão que esquece e a ingratidão que baba.

Faltava a violação do último sono eterno,  
Não para saciar um ódio insaciável,  
Insaciável como os círculos do inferno.

E deram-ta; eis-te aí, ó grande invulnerável,  
Eis-te ossada sem nome, esparsa e miserável,  
Sobre um pouco de chão do ninho teu paterno.

# Sobre esta edição digital

Este eBook foi gerado a partir do [Wikisource](#),<sup>[1]</sup> biblioteca online multilíngue, feita por voluntários, comprometida em desenvolver uma coleção de publicações em [copyleft](#) de todos os gêneros: (romances, poemas, revistas e periódicos, cartas, livros técnicos etc)

Nossos livros são distribuídos gratuitamente, a partir de materiais que tenham caído em domínio público ou que tenham sido disponibilizados em licenças livres. Você pode utilizar nossos materiais para quaisquer fins, inclusive comercialmente, dentro dos termos ou da [Creative Commons BY-SA 3.0](#)<sup>[2]</sup> ou da [GNU FDL](#),<sup>[3]</sup> à sua escolha.

O Wikisource está sempre à procura de novos membros: sinta-se à vontade em participar. Apesar de nossos cuidados, é possível que este livro contenha um ou mais erros que nos passaram despercebidos. Seja por um ou por outro motivo, você pode nos contatar no [nosso fórum](#).<sup>[4]</sup>

Este livro em particular lhe foi disponibilizado a partir das pessoas por detrás destes *nicknames*:

- Leosls

- 
1. [↑ http://pt.wikisource.org](http://pt.wikisource.org)
  2. [↑ \\_\\_\\_\\_\\_ http://creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt\\_BR](http://creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt_BR)
  3. [↑ http://www.gnu.org/copyleft/fdl.html](http://www.gnu.org/copyleft/fdl.html)
  4. [↑ https://pt.wikisource.org/wiki/Wikisource:Esplanada](https://pt.wikisource.org/wiki/Wikisource:Esplanada)